

SEÇÃO IV - RESENHAS

SAVATER, Fernando. **As perguntas da vida**. Tradução: Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

Ademir Aparecido Pinhelli Mendes¹⁶

Submetida em: dezembro de 2012.

Aprovada em: fevereiro de 2013.

Compreendendo a filosofia como exercício do filosofar, Savater propõe nesta obra, levar o leitor a realizá-lo com ousadia, o que talvez o leve a conclusões opostas. Para isso expõe o que compreende ser a diferença entre Ciência e Filosofia. Com o subtítulo “O porquê da filosofia”, pergunta sobre o sentido da filosofia como disciplina escolar na formação de crianças e jovens. Não seria uma perda de tempo, já que os programas educacionais de ensino médio estão sobrecarregados de conteúdos? Para explicitar esta questão – a filosofia não serve para nada - já debatida por Sócrates e seus opositores, cinco séculos a.C., e citando Ortega y Gasset (p. 5), apresenta três níveis diferentes de compreensão para distinguir ciência e filosofia: informação, conhecimento e sabedoria. Conclui que o conhecimento científico opera entre o nível (a) e o (b), enquanto que o conhecimento filosófico opera entre o nível (b) e o (c). O desejável do ponto de vista do ensino seria chegar à sabedoria filosófica. Mas como ensinar tal coisa? Seria possível ensiná-la?

Embora ciência e filosofia em algum momento estivessem unidas pela busca de responder às perguntas suscitadas pela realidade, ao longo do tempo, elas foram sendo separadas. Hoje a ciência preocupa-se em explicar “como as coisas são constituídas e como elas funcionam”, enquanto a filosofia se preocupa com o que elas significam para o homem. A ciência trata de “todos os temas de modo impessoal”; “aspira conhecer o que existe e o que acontece”; “multiplica as áreas de conhecimento, fragmentando especializando o saber”; “desmonta as aparências do real em elementos teóricos invisíveis, ondulatórios e corpusculares, matematizáveis, em elementos abstratos não percebidos”; “busca saberes e não meras suposições”. A filosofia tem a “consciência de que todo conhecimento tem necessariamente um sujeito, um protagonista humano”; “põe-se a refletir sobre a importância que tem para o ser humano saber o que acontece e o que existe”; “se preocupa em relacionar o conhecimento com tudo o mais numa busca de unidade que possa explicar o ser humano”; “resgata a realidade humanamente vital do aparente, na qual transcorre a nossa existência

¹⁶Mestre em Educação (UFPR). Professor de Filosofia da Rede Estadual de Educação do Paraná. *E-mail*: pinhellimendes@hotmail.com.

concreta”; pergunta-se sobre questões que os cientistas já dão como resolvidas, pois suas soluções anulam e dissolvem as perguntas. A filosofia não dá soluções, mas respostas que, que nos permitem conviver racionalmente com as perguntas, embora as formulando sempre de um novo modo. A resposta filosófica não mata a pergunta, mas é uma forma de cultivá-la de modo a nos fazer conviver cotidianamente com aquela interrogação. É isso o que nos humaniza.

Um cientista pode utilizar as soluções encontradas por outro cientista sem a necessidade de percorrer o mesmo caminho de investigação. Mas o filósofo não pode satisfazer-se com as respostas de outros filósofos. A resposta filosófica traz a exigência de realizar por si mesmo o percurso de seus antecessores. Mesmo partindo de uma tradição intelectual, para filosofar é necessário que cada um realize seu próprio percurso de pensamento, de ver e argumentar. Daí a observação de Kant (p.11) ao afirmar não ser possível ensinar filosofia, mas apenas filosofar. E esta pode ser uma das grandes contribuições da filosofia no processo educacional. Cabe ainda uma última pergunta: por onde começar? Para responder a esta questão Savater propõe a discussão de dez temas/problemas filosóficos: Morte; Razão; Conhecimento; Linguagem; Cosmologia; Liberdade; Natureza; Política; Beleza; Tempo. Para desenvolver o conteúdo de cada capítulo Savater fará referência às suas experiências cotidianas, expondo problemas, teses e pensamento apresentando conceitos de filósofos que melhor ajudam a desenvolver sua explicação.

Morte: a constatação de que um dia vamos morrer é a evidência de que já podemos pensar por nossos próprios pensamentos, pois a experiência da morte não só nos torna pensativos, mas nos faz pensadores e por isso nos humaniza. Platão no Fédon “diz que filosofar é preparar-se para morrer” (p. 16). Embora a filosofia trate da vida e seu significado, a consciência da morte nos torna viventes. Filosofar sobre a morte é melhor maneira de compreendermos o sentido da vida.

Razão: pensar na morte me leva a fazer perguntas sobre a vida. Mas como responderei convincentemente as perguntas que a vida me sugere? Como poderei saber se minhas respostas serão mais ou menos válidas? Minhas perguntas são feitas a partir de um conjunto de informações que já disponho. Coisas que sei por que os outros me disseram e outras porque estudei. Há coisas que sei por experiência própria. Mas como saber se são verdadeiras? Como saber se sei o que creio saber? Como posso ter certeza sobre elas? Como posso ampliar e melhorar ou até substituir de modo confiável o que acredito saber? Parece imprescindível revisar o que acredito saber, comparar com outros conhecimentos meus,

submetê-los ao exame crítico, debatê-los com outras pessoas que possam me ajudar a entender melhor o que acredito saber. Preciso buscar argumentos que possam me ajudar refutar ou confirmar meus conhecimentos. Esse exercício chama-se o uso da razão, que é um procedimento intelectual que utilizo para organizar as informações que recebo e estudos que realizo ou as experiências que tenho. Para aprofundar esta investigação Savater analisa questões como: razão e verdade; subjetividade e objetividade da razão; ceticismo, relativismo e dogmatismo; método para chegar à verdade; verdade e democracia; racionalidade e irracionalidade.

Conhecimento: retomando a discussão sobre as posições dos cétricos sobre verdade e conhecimento, apresenta Descartes e seu método para alcançar o conhecimento verdadeiro. Trará para esta discussão David Hume, Kant, dentre outros para investigar sobre a possibilidade e certeza do conhecimento.

Linguagem: indagando sobre “em que consiste o humano com que me identifico” (p. 65), fornecerá uma série de elementos demonstrando o que caracteriza o homem como ser humano, diferentemente dos demais animais, mas sobretudo a existência da linguagem humana, que é diferenciada da linguagem dos demais animais. Sobretudo por que somos animais simbólicos e com capacidade de aprender.

Cosmologia: partindo de problemas do cotidiano como, por exemplo, “o que é o mundo”, investiga questões referentes ao mundo vivido, lugar de experiência humana. O que é o universo? Quais são seus significados? Qual papel dos mitos na constituição das explicações sobre a origem do universo? Quais as diferenças entre as narrativas míticas e as narrativas filosóficas? Savater leva o leitor a um passeio em meio às respostas dadas por cientistas, religiosos e filósofos ao longo da história, sem dogmatizar suas explicações, deixando os problemas em aberto, onde novas dúvidas e perguntas poderão surgir.

Liberdade: o mundo é lugar da habitação humana, pleno de sentido e significado, onde homem não apenas sobrevive, mas vive e atua em liberdade. Sob este enredo, Savater discutirá liberdade, determinismo, vida em sociedade, responsabilidade, com uma leve pitada da filosofia existencialista.

Natureza: após chamar atenção para os inúmeros usos que são feitos para o termo natureza, empresta de Stuart Mill o conceito de natureza como sendo “o conjunto dos poderes e propriedades de todas as coisas, tanto das que há como das que poderia haver” (p. 125). Savater aproveitará para tratar das questões da cultura, e seu recorte será discutindo os valores culturais; bem e mal; valores morais; mundo natural e mundo artificial; técnica e

sociedade tecnológica.

Política: o que nos faz significativos é a vida com os outros, ou seja, a vida em grupo produz significado humano. Esse parece ser o sentido de nossa existência, “somos com os outros” (p. 148), mas a vida com os outros custa-nos, não é indolor. Sob este pressuposto discute a vida humana em sociedade e suas dificuldades. Levanta o paradoxo da angústia entre viver isolado, sendo ignorado e viver incomodado entre os outros. Discutirá política, democracia, utopia, justiça, dignidade e direitos humanos.

Beleza: partindo do diálogo *Leis* de Platão, dirá que estamos submetidos à “dois mestres inteligentes: o prazer e a dor” (p. 169). Com eles aprendemos a viver e a sobreviver. O prazer e a dor nos ensinam que somos iguais no geral e ao mesmo tempo diferentes, no particular. Provocados pela contraposição deste dualismo, Savater levará o leitor às investigações filosóficas que envolvem os problemas da “estética”, como área da filosofia que investiga temas como o belo, o feio, o agradável, o desagradável, etc. Para isso fará uma incursão pelo pensamento kantiano acerca da beleza como o “interessante desinteressado”. Discutirá valores estéticos e irá contrapor Platão e Shiller na discussão das teses platônicas. Além de discutir temas como tarefa educacional do artista e do filósofo; arte e jogo; arte e política; arte e ciência; beleza e feiura na obra de arte; abandono do conceito de beleza pela arte contemporânea; beleza e felicidade.

Tempo: tomando as referências temporais da vida cotidiana, organizada de forma cronológica ou vivencial, discute as várias compreensões humanas acerca do tempo. Savater buscou em Agostinho de Hipona a principal pergunta que procura responder: “O que é, pois, o tempo?” (p.206). A análise desta questão se fará por meio da discussão de temas como: medidas de tempo; tempo e cultura; tempo e destino; tempo e imagem; relação entre tempo e espaço; tempo e morte; experiência temporal.

No epílogo (p. 205) Savater retoma a questão dos porquês da filosofia e da eficácia de suas respostas. Para isso utiliza vários exemplos demonstrando como os filósofos são risíveis para aqueles que não gostam e até para aqueles que dizem gostar da filosofia. Nestes, o modo de apresentar o filósofo nos leva a crer que algo faz com que a sociedade de alguma forma os rejeite. Poderia ser sua desmedida ambição teórica, perguntando sempre “por quê?”. Ou por conta dos poucos resultados práticos produzidos por seus questionamentos? Quem sabe, em razão de frequentemente se chorarem com a visão de senso comum ou com as respeitáveis tradições, as pessoas decentes nunca criticam? Quem sabe, por utilizarem com abundância termos incompreensíveis e obsoletos para as pessoas comuns, negando-se a com ela dialogar

em linguagem coloquial? Não podemos negar que, salvo injustas generalizações, nós professores de filosofia contribuímos para o agravamento desses defeitos presentes nos grandes mestres. Este péssimo comportamento dos filósofos foi criticado por Revel (p.207) em sua obra – *Filósofos para quê?* – analisando a “sacralização da linguagem especializada e a recusa de discutir com quem não a domine”, como se filosofar fosse possível somente em grego ou alemão.

Savater enuncia quatro elementos que um bom professor de filosofia deve considerar ao ensinar: “que não existe a Filosofia, mas “as” filosofias e, sobretudo o filosofar”; (p. 209): (a) “que o estudo da Filosofia” não é interessante porque a ela se dedicaram talentos extraordinários como Aristóteles ou Kant, mas esses talentos nos interessam porque se ocuparam dessas questões de amplo alcance que são tão importantes para nossa própria vida humana, racional, civilizada (p. 209); (b) “que até os maiores filósofos disseram absurdos notórios e cometeram erros graves” (p. 209). Quem se arrisca a filosofar fora dos caminhos já trilhados intelectualmente, corre maior risco de se equivocar. Cabe ao professor de filosofia mostrar aos seus alunos como a tradição filosófica pode ajudar a realizar o exercício do filosofar sem incorrer em erros e melhor compreender a realidade em que vivemos; (c) “que em determinadas questões extremamente gerais aprender a perguntar bem também é aprender a desconfiar das respostas demasiadas taxativas” (p. 210). É preciso aprender a medir o alcance e o limite de nossa compreensão e saber viver na incerteza.

Para finalizar, uma advertência importante para quem deseja se aventurar pelos caminhos do filosofar. Se, por um lado, a filosofia se preocupa em perguntar sobre os por quês da vida, por outro, suas respostas não combinam com as respostas redentoras e dogmáticas produzidas pela religião. Buscar o sentido de vida para o filósofo significa reformular sempre as perguntas com novas intencionalidades, de modo que a investigação filosófica sobre o sentido da vida humana seja sempre realimentada por novos questionamentos e problemas. Ao desafio de transformar as perguntas vitais dos estudantes em perguntas filosóficas, se junta o de buscar nos clássicos da filosofia fundamentos para subsidiá-los a fim de que realizem o exercício do filosofar.

“As perguntas da vida” é uma obra recomendada para adolescentes e jovens, especialmente os da escola média e demais iniciantes, pois traz temas básicos da filosofia ocidental, apresentado em forma de perguntas ou problemas vitais. O leitor é convidado a realizar seu próprio percurso, sem precisar adotar as respostas dos outros. Estaria aí uma das dimensões humanizadoras da filosofia na educação, livrando os estudantes do dogmatismo e

das soluções imediatas e pré-fabricadas oferecidos pelo mundo. Mas como ensiná-los a filosofar por si mesmos?